



Estudo de casos dos telejornais “Jornal Nacional” e “SBT Brasil”: Linguagem Verbal e Não-Verbal dos Apresentadores¹

Karolina Dallegrave, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, aluna de graduação e pesquisadora²

Resumo

A idéia é trabalhar com a linguagem verbal e não-verbal do telejornalismo brasileiro, especificamente dos telejornais “Jornal Nacional”, da Rede Globo e “SBT Brasil”, do SBT. O objetivo é constatar de que forma o apresentador, através de sua linguagem verbal (texto) e não-verbal, pode influenciar quem recebe a mensagem, se utilizando da apresentação da notícia. Mostrando de que maneira ele manipula a informação, influenciando o entendimento e compreensão da mesma. A relevância de analisarmos como esse meio atua na sociedade e assim na formação de sua opinião é justificada dada a abrangência desse veículo no Brasil.

Palavras-chave

Telejornalismo; linguagem verbal e não-verbal; manipulação

1. Apresentação

O jornalismo visto como processo de produção e transmissão de informações, juntamente com a televisão, veículo de comunicação de massa resulta em um “produto” que abrange grande parte da população em nosso país (a televisão está em 99% dos lares brasileiros). Assim, a relevância de analisarmos como e de que maneira esse meio de comunicação exerce na sociedade uma formação de opinião hegemônica.

A proposta de trabalho, especificamente para este V Congresso Nacional de História da Mídia, é a de analisar de forma comparativa alguns fragmentos dos telejornais “Jornal Nacional” e “SBT Brasil”. Desta maneira tentaremos maximizar a problemática: enfatizando alguns casos específicos encontrados nos dias analisados, mostrando de que modo esses podem formar opiniões e influenciar quem as recebe. Todos os fragmentos

¹Trabalho apresentado ao GT 7 - História da Mídia Audiovisual, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciec, São Paulo, 2007.

²Aluna do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. e-mail: kadallegrave@hotmail.com

foram analisados na forma de recepção/pesquisa, o que me caracteriza como receptora-pesquisadora.

2. História

Farei uma rápida retrospectiva do telejornalismo brasileiro. No dia 20 de setembro de 1950, a TV Tupi lançava no canal 6, em São Paulo, o “Imagens do Dia”. Em 52, a emissora criou outro noticiário, pra o horário das 21 horas, o “Telenotícias Panair”. No mesmo ano, a Tupi do Rio lançou o principal telejornal da década de 50, que até hoje é referência quando falamos de jornalismo televisionado o “Repórter Esso”. Comandado por Contijo Teodoro, era transmitido no horário nobre, assim como os telejornais que analisaremos nesse trabalho. Esse telejornal figurava o que era tipicamente o jornalismo televisado no Brasil naquela época: o jornal era apresentado por gente que vinha do rádio e era totalmente regido por seu patrocinador. Em 1962, surgiu o “Jornal de Vanguarda”, da TV Excelsior. Como o próprio nome sugeria, o jornal foi vanguarda quanto aos jornalistas serem produtores das matérias, um início para o que é hoje, nosso modelo atual.

3. Introdução

A escolha desses telejornais se deu através de sua importância e proposta editorial, respectivamente. Primeiramente, o “Jornal Nacional” um dos principais telejornais do Brasil sendo o programa jornalístico de maior audiência, de acordo com Ruth Vianna, 2000, com atuais médias de 35 pontos no Ibope, o mais antigo da Rede Globo (emissora que cobre 99,84% do país). Criado em 1969, o Jornal Nacional marcou época, por ser o primeiro noticiário de televisão em rede do país transmitido ao vivo, primeiramente para o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. Durante a década de 1970, por interesse próprio o telejornal deu ênfase à cobertura internacional e aos esportes. Na década de 1980 três episódios envolvendo o telejornal criaram polêmica. Durante a cobertura das eleições, em 1982, para o governo do estado do Rio de Janeiro, o telejornal foi acusado de participar de uma tentativa de fraude nas eleições. Era a primeira eleição direta para governador após a instauração do regime militar. Em 1984, o Jornal Nacional foi acusado de omitir informações sobre a campanha das Diretas Já, porque deu a notícia do grande comício na Praça da Sé em São Paulo, no dia 25 de janeiro na mesma matéria em que noticiou as comemorações do aniversário da cidade. Em 1989, a polêmica ficou por conta da edição do debate presidencial

apresentado pelo telejornal dias antes das eleições. A emissora foi acusada de ter favorecido o candidato Fernando Collor de Mello que disputava o segundo turno do pleito eleitoral com Luiz Inácio Lula da Silva. Na década de 1990, a TV Globo apresentou furos de reportagem, como a violência policial na Favela Naval em Diadema, a entrevista com Paulo César Farias, no período em que se encontrava foragido, a apuração de casos de fraudes na previdência social com a prisão de Jorgina de Freitas, o escândalo dos precatórios, entre outros, consolidando a confiança e audiência do telejornal. Assim, a escolha se justifica por o Jornal Nacional ser tradição no telejornalismo brasileiro e por ser ainda, uma grande “potência” em diferentes aspectos, mesmo completando este ano 38 anos de existência. Este é conhecido e “representado” pelos famosos apresentadores William Bonner e Fátima Bernardes. William é jornalista formado em Comunicação Social pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Iniciou a carreira profissional em 1983, como redator publicitário. No ano seguinte, na Rádio USP FM, tornou-se locutor. Em 1985 começou a trabalhar em TV, na Bandeirantes de São Paulo, como locutor e apresentador. Em junho de 1986, convidado pela TV Globo de São Paulo, transferiu-se para a emissora, passando por diferentes funções em diferentes telejornais e até uma revista eletrônica: o Fantástico. Mas, a partir de abril de 1996, foi para o Jornal Nacional, que apresenta na TV Globo com sua esposa. Fátima cursou jornalismo na UFRJ, a fim de ser crítica de dança. Até então nunca havia pensado em trabalhar na televisão. Em 1983, Fátima começou a trabalhar no jornal O Globo como repórter de um caderno regional. Em 1987 entrou para a Rede Globo de televisão após ser aprovada em um curso de telejornalismo da emissora, e também exerceu diversas funções na Rede. Em 1999 se tornou âncora do Jornal Nacional ao lado do marido William Bonner, cargo que ocupa até hoje. Os dois estão juntos na bancada do “JN” há oito anos, tornando-se inevitavelmente referência quando falamos em Jornal Nacional. (Ver Vianna, Ruth em *Revista online Pensamento Jornalístico* www.eca.usp.br/prof/josemarques)

Já o telejornal “SBT Brasil” foi selecionado para esta pesquisa, pela sua proposta afirmada pela emissora (segundo informações do site oficial da emissora): “o SBT Brasil tem como objetivo principal levar para a TV um novo conceito de jornalismo sério, com liberdade editorial, humanização da informação e tecnologia avançada” (2005). Em agosto de 2005, na estréia, era um telejornal apresentado na faixa das 20

horas por Ana Paula Padrão, jornalista formada pela Universidade de Brasília, que trabalhou na Rede Globo de 1987 a 2005. Ela atuou como correspondente internacional em Londres e Nova York até o ano 2000, cobrindo acontecimentos de grande repercussão mundial. Ainda neste ano, voltou ao Brasil e assumiu o cargo de editora-chefe e apresentadora do Jornal da Globo, permanecendo até maio de 2005, quando assinou contrato com o SBT para assumir o comando do telejornal SBT Brasil. Ana Paula Padrão trabalhou três meses na produção e formação de uma equipe de jornalismo no SBT, levando consigo o “padrão global”. O SBT Brasil estreou no dia 15 de agosto de 2005, no horário das 19h15. O telejornal tentou marcar uma nova fase jornalística da emissora, que estagnou nesse departamento após a finalização dos trabalhos do TJ Brasil de Bóris Casoy, que nos seus últimos dias foi apresentado por Hermano Henning. Hoje o SBT Brasil é apresentado às 21h15, por Carlos Nascimento e Cintia Benini e não possui nem o mesmo cenário do ano de estréia, em 2005.

Com essas duas diferentes realidades traçamos um estudo comparativo, já que o SBT é uma emissora mais nova e com “menos” tradição no telejornalismo, e que tinha (ou tem) como proposta, concorrer com o “Jornal Nacional”. Estes telejornais, apesar de muitas diferenças, quando analisados, possuíam algumas características em comum: o *prime time*, apresentadores de renome e suas grandes estruturas físicas de produção e execução.

4. Por que analisar os apresentadores (âncoras)

Os apresentadores são a “propaganda” do telejornal. Apesar de no Brasil, segundo Sebastião Squirra (1993). *Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro. Ed. Brasiliense, SP, pagina 119*. Esse papel ainda não estar bem determinado. Pela definição de Walter Cronkite, importante âncora norte-americano, um ‘anchorman’ é:

“Basicamente é um jornalista com a paciência e a curiosidade de ler, com a maior isenção possível, os jornais impressos do dia; esse jornalista deve ter uma visão de mundo, dispor de uma cultura humanística e histórica que lhe permita descobrir, mesmo em uma pequena anedota, a sua importância trágica ou sua terrível comicidade; alguém em condições de estar permanentemente chocado pela realidade, mas com o poder de se apresentar diante dos telespectadores sem que olhos e músculos reflitam qualquer tipo de comoção indesejável; alguém que acompanhe, na redação, o nascimento e o desenvolvimento da notícia; uma pessoa capaz de sofrer, durante dez minutos, para escrever um bom texto de duas linhas e, ao mesmo tempo, improvisar com naturalidade e conhecimento de causa uma locução de dois minutos sobre algum conhecimento de

última hora; alguém com ar de serenidade e respeito pelos outros; traços corretos, boa voz, um ritmo dialogal de leitura e exigência suprema! – um ar inteligente”.

Assim confirmamos, a partir dessa definição, que o *anchorman* de Cronkite não é a mesma de um apresentador de telejornal brasileiro. Algumas características são comuns, evidentes. Mas a autonomia de organizar e “ser responsável” por todo o processo que o telejornal tem e passa, não parece ser característica dos apresentadores brasileiros. Porém, estes, criaram uma forma brasileira de apresentar telejornal. Exercendo assim, importante papel na “entrega” de informação, através dos processos transmissão.

5. Análises

De três dias (17,18 e 19 de Agosto de 2005) de material analisado, recolhemos alguns fragmentos de texto e imagem. Nestes analisamos somente os fragmentos relacionados à política. Em 2005, mais especificamente no mês junho começava no Brasil uma grande crise política, após aberta a CPI dos Correios, com a denúncia do, na época, dep. Roberto Jéferson sobre o “mensalão”. Após quase dois anos esta palavra (ou expressão) ainda repercute muito no cenário nacional. Então, resolvemos mirar nosso enfoque aos fragmentos ligados à política.

5.1.Linguagem Não-Verbal

A linguagem não –verbal nestes casos tem a função de auxiliar a fala, o que se diz. Essa linguagem muitas vezes não possui a nitidez das palavras, mas é atribuída de significados. Observa Lenira Alcure, em Comunicação verbal e não-verbal (1996), assim:

“A comunicação não-verbal é tão plena que às vezes se expressa inconscientemente. E este é um dos principais papéis desta comunicação: mais emocional e sensitivo, o não verbal, revela muitas vezes, é o elemento surpresa na comunicação consciente e programada”.

Os sinais de comunicação têm por principal objetivo reforçar a fala. São eles: gestos, expressão facial, postura, ocupação do espaço, e toque. Analisaremos aqui também, cores dos cenários, além de expressão facial e postura dos apresentadores. Lenira ressalta novamente: “O orador, o âncora da televisão, o apresentador de um evento ou político em campanha são exemplos de profissionais que usam os gestos para valorizar a palavra e a mensagem, no momento certo”.

5.1.1 Cenários

“A cor sempre fez parte da vida do homem: sempre houve o azul do céu, o verde das árvores, o vermelho do pôr do Sol. Mas agora, há também, a cor feita pelo homem: tintas, papéis de parede, tecidos, embalagens, cinema e TV”, afirma Modesto Farinha (1986).

O cenário do JN é formado em sua maioria de azul, esta cor dá aspecto de profundidade, sensação de movimento para o infinito, isso remete a grandiosidade do telejornal em vários aspectos. Passa também tranquilidade. Algumas de suas associações afetivas são: espaço, fidelidade, verdade, confiança, intelectualidade e advertência. Essas associações nos mostram algumas verdades de fácil assimilação com o JN. Espaço e fidelidade: o JN, em muitos casos, dita o tempo, tempo é espaço, é um horário “sagrado”, quase que imutável, o telespectador é fiel à isso. A verdade é um dos princípios básicos do jornalismo, é seu compromisso com a sociedade. Saber o que acontece com o mundo é importante na formação intelectual e crítica do indivíduo. Além de seu papel de alerta à sociedade sobre diferentes acontecimentos, acontece assim a advertência.

O cenário do SBT Brasil é formado por uma estrutura cinza, cor que representa a seriedade, a sabedoria. Características fundamentais para qualquer veículo de comunicação. O jornal quis passar algo sóbrio e sólido, para ganhar de maneira instantânea, a confiança do telespectador. Mas o SBT Brasil possuía, diferentemente do JN, uma grande tela, um “painel” no fundo de quase todo o cenário. Este era constituído por cores femininas, talvez querendo representar a força e a capacidade da mulher, no caso sua âncora. Era uma escala cromática que ia do laranja, passando pelo vermelho, rosa e chegava até o roxo. A primeira delas tem como principal característica a força. O vermelho o dinamismo e a coragem. O rosa a dignidade e o autocontrole. O roxo a profundidade e a justiça. Como podemos observar que estas são características da “mulher moderna”, que busca mostrar seu valor como profissional. A diversidade de cores leva ao público várias sensações ao mesmo tempo, colocando a multiplicidade à escolha do telespectador, fazendo com que se identifiquem com aquele produto diferentes indivíduos.

5.1.2. Expressão facial e postura

Expressão facial

No dia 17 de Agosto, na 4ª chamada, do 1º bloco, do Jornal Nacional, por exemplo, Fátima Bernardes falou o texto: “...A esquerda do partido cobrou da direção nacional a punição dos deputados suspeitos de envolvimento como escândalo do mensalão”, quando a narradora fala *escândalo do mensalão* faz um movimento de elevação da sobrancelha, o que simboliza “surpresa, espanto, alegria”, revela Weil e Tompakow (1983), o que reforça a expressão “mensalão” mais uma vez utilizada. Já no dia 19 de Agosto, na 1ª chamada, do 3º bloco, do JN, William Bonner disse o texto “O advogado Rogério Buratti depôs hoje aos promotores do Ministério Público de São Paulo. Depois de passar dois dias preso, Buratti acabou fazendo uma série de acusações e revelando detalhes de esquemas de corrupção em prefeituras do estado. Durante o depoimento Buratti envolveu o Ministro Palocci nas denúncias”, neste o apresentador frisa a testa, quase que o tempo todo, o que simboliza “desaprovação, reprovação”, afirma Weil e Tompakow (1983).

Outro fator de reforço de uma mensagem, muito bem conhecido por nós ocidentais, é a negação com a cabeça, em movimentos horizontais, isso ocorre na fala: “... mas não foi que se viu em Brasília...”, dita por Ana Paula no dia 17 de Agosto, na 1ª chamada, do 2º bloco, do SBT Brasil.

No dia 18 de Agosto, no 2º bloco, a 3ª matéria, do SBT Brasil, Ana Paula diz o texto: “E o ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares, volta a depor no congresso nacional e irrita parlamentares da CPI do mensalão. Mais uma vez ele não respondeu as perguntas e repetiu a mesma versão dos empréstimos”. Durante sua narração a âncora fez o movimento de união do dedo indicador com o polegar, que simboliza ser este “um ponto sutil” da fala, a ser tratado. E logo depois o movimento de apoio das mãos sobre a bancada, que traduz um ato de “inclinação pessoal”, no mesmo movimento elas, as mãos, se encontram unidas o que representa “ligando todos os pontos” do assunto tratado.

Postura

Todos os três âncoras analisados possuíam uma postura *firme*, que segundo Weil e Tompakow (1983), são referência de franqueza, interesse, coragem e vigor psíquico. Essas ações são desempenhadas por “olhos nos olhos”, que querem dizer que há interesse na ação; o “torax firme”, onde o *EU* se expõe de forma segura.

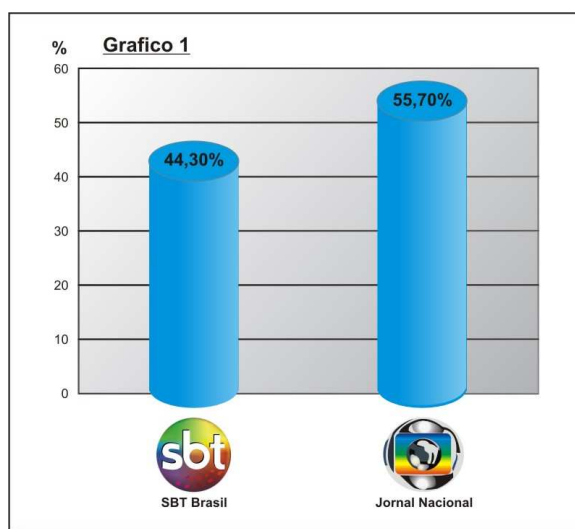
5.2. Linguagem Verbal

Veremos aspectos como: a importância dentro do telejornal (duração e bloco) e texto (que palavras mais reforçou, quais os tempos verbais utilizados e se respondia as perguntas clássicas do Lead : Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê?). E dentro desses aspectos nós encontramos diferentes problemáticas.

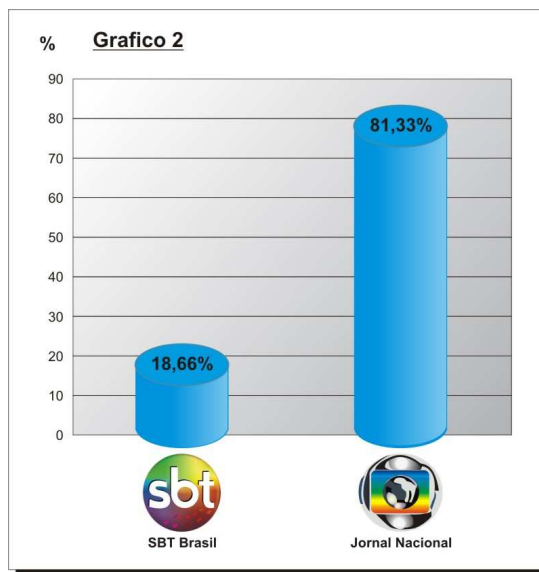
5.2.1. A importância dentro do telejornal

Duração

Dentro dos 22 fragmentos analisados (soma dos três dias) encontramos os seguintes resultados, referente ao número destes, para cada telejornal. São eles equivalentes 11 para cada um dos telejornais. Por existirem assuntos, em sua maioria, com referência entre um jornal e outro. Ao total o SBT Brasil somou 1min83seg de fragmentos, já o Jornal Nacional totalizou 2min30seg. Lembrando que os assuntos vistos em um telejornal tinham referência no outro. Assim o Jornal Nacional apresentou, em minutos, cerca de 11% a mais de texto que o SBT Brasil.



Dentre os três dias analisados existe um caso que chamou mais atenção, referente ainda ao tema da duração (tempo). Este ocorreu no dia 19 de Agosto. Os dois telejornais apresentaram uma notícia falando do depoimento do advogado Rogério Buratti ao Ministério Público de São Paulo, e logo após as matérias, ocorreram igualmente notas retorno. Além da total disparidade de conteúdo dos textos (que serão analisados futuramente neste trabalho) há uma diferença enorme de tempo entre uma nota retorno e outra.



Assim o Jornal Nacional apresentou 62.67% a mais no total das somas do tempo total das notas retorno. Número que se torna mais significativo quando sabemos e vemos que estas notas são de pessoas citadas na matéria, como se fossem um direito de resposta. E não simplesmente uma nota que complementa com informações do próprio telejornal a matéria recém vista. Não que as notas que dão voz a diferentes fontes não mereçam seu lugar no telejornal, sabemos que nosso dever é dar voz a essas diferentes vozes, muitas vezes vozes discordantes, mas a duração (tempo) gasto com essas informações, especificamente, se tornou um caso especial.

Blocos

Segundo Ruth Vianna; 2000,

“os telejornais foram divididos em bloco, com matérias chamadas de *suaves* ou *duras*, produzindo um ritmo interno dos temas noticiados que assim permitem chamar a atenção do telespectador de forma repetitiva causando impacto, emoção e ao mesmo tempo, tranquilizando após esforços exaustivos produzidos pelas notícias. O nível de maior atenção do telespectador se dá na abertura dos telejornais com as chamadas das manchetes; decrescendo este nível de atenção com a chamada do 2º bloco, que volta a ser elevado na chamada das matérias do 3º bloco; voltando a cair e só retomando a ascender à atenção, do telespectador, na chamada para os últimos blocos”.

Baseando – se nesta informação encontramos fragmentos que mostram como determinado assunto pode ter mais importância dentro de um telejornal, só pelo fato de estar em um determinado bloco. Isso ocorreu no dia 19 de Agosto. Eram notícias equivalentes, tratavam das denúncias de Rogério Buratti contra o então Ministro Palocci. Mas, elas estavam inseridas em diferentes blocos, nos dois jornais. No Jornal

do SBT no 2º bloco, como vimos bloco em que decresce a atenção do telespectador. Já no Jornal Nacional, a notícia apareceu no 3º bloco, o qual segundo Ruth Vianna, volta a ter atenção em suas chamadas.

5.2.2. O texto

Palavras que mais reforçou

Dos mesmos 22 fragmentos, algumas palavras, frases ou expressões foram mais repetidas e enfatizadas. A principal delas foi a palavra *corrupção*, ela apareceu seis vezes nos fragmentos. Em segundo lugar está a palavra *denúncia* e em terceiro lugar a palavra *crise*. Vejamos seus respectivos significados, pelo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1993.

Corrupção: sf. 1. Ato ou efeito de corromper; decomposição. 2. Devassidão, depravação. 3. Suborno, peita.

Denúncia: ação de denunciar – vt. 1. Dar denúncia de; acusar, delatar. 2. Dar a conhecer ou a perceber. P. 3. Revelar-se, trair-se.

Crise: sf. 1 Manifestação súbita de acidente patológico ou psíquico, etc. 2. Fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos sentimentos, dos fatos; colapso. 3. Deficiência, penúria. 4. Ponto de transição entre uma época de prosperidade e outra de depressão, ou vice-versa.

Reflitamos sobre o conjunto das três. São palavras que não agregam nenhum valor positivo. Passam um valor pessimista como única realidade.

Vamos ponderar mais especificamente o caso da palavra *crise*. Todas as vezes em que ela apareceu foram no dia 19 de Agosto, somente no Jornal do SBT. Foram quatro inserções. Uma na chamada do jornal, duas vezes na chamada especial de política, que o Jornal Nacional não teve que, aliás, teve 0,31 segundos de duração. A outra vez em que a palavra *crise* apareceu foi na 1ª notícia do 2º bloco. A repetição de palavras, para reforço de uma idéia é conceituada por *Sylvia Moretzsohn*, em *A notícia como clinamen: o jornalismo na perspectiva de um novo senso comum*. UFRGS, 2003

“Um dos meios através dos quais Gramsci vislumbrava a possibilidade de modificar o senso comum era “não se cansar jamais de repetir os próprios argumentos (variando literariamente a sua forma): a repetição é o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular” (2001:110). É exatamente o método através do qual a imprensa trabalha, invertendo-lhe o sinal no sentido conservador: submetida a rotinas industriais, acena com o “novo” (a “novidade” que está na base semântica de “notícia”) para

reproduzir sistematicamente o mesmo, cuidando devidamente das aparências, num processo de atualização que faz as informações de sempre parecerem inéditas...”.

Outro caso de repetição de palavras trata-se de uma comparação. No dia 17 de Agosto ocorreram, em Brasília atos públicos. O Jornal do SBT afirmou duas vezes, que 12 mil pessoas estavam lá para pedir “*antecipação das eleições*”. Estas apareceram na chamada do telejornal e na 1ª chamada para o próximo bloco. Sobre os mesmos atos públicos, o Jornal Nacional afirmou que as 12 mil pessoas, se manifestaram *contra a corrupção e o governo Lula*, protestaram *contra a corrupção*, e protestaram, novamente, *contra o governo Lula*, respectivamente na chamada do telejornal, na 1ª chamada para o próximo bloco e na 1ª notícia do 2º bloco. Concluindo assim a incidência de três vezes *contra a corrupção* e duas vezes *contra o governo Lula*. Como receptora-pesquisadora, era telespectadora dos selecionados fragmentos deste dia, especificamente nestes em que apareciam estas palavras. Quando terminei de assistir os fragmentos do Jornal do SBT a impressão que tinha era de que, o povo tinha ido às ruas para, exclusivamente, pedir a antecipação das eleições, que estas 12 mil pessoas queriam exonerar todo o governo Lula de seus cargos, que queriam tirar esse governo do poder. Já, quando assisti o Jornal Nacional a impressão era de que as pessoas apenas protestaram e se manifestaram contra o governo Lula e a corrupção. Mas, vale a pena ressaltar ainda a escolha que o Jornal Nacional fez: usar por duas vezes a palavra corrupção e governo Lula juntas. Ao contrário do SBT Brasil, o Jornal Nacional preferiu usar o nome do presidente ligado ao governo, como se o governo fosse só o presidente Lula, não que o presidente da república não seja o maior símbolo de um governo, mas a nomeação Lula, duas vezes, com proximidade da palavra corrupção, subentendesse uma ligação do ato e seu autor.

Tempos verbais utilizados

Os manuais de redação prezam que os textos jornalísticos estejam no presente. Vejamos o que diz Vera Iriz Paternostro O Texto na TV, manual de telejornalismo, Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1999 pagina 81. “... o ideal é buscarmos exemplos na conversa do dia-a-dia. Na linguagem coloquial usamos o verbo no presente do indicativo...” Então, quando falamos de um fato no passado acabamos por distanciar quem ouve o texto, do que está sendo falado. No passado os fatos se tornam “acabados”, “encerrados”. O texto no presente traz esse diálogo do dia-a-dia como afirmou Vera Iriz (1999), pagina 78, uma característica importantíssima, “... linguagem coloquial é a usada na conversa cotidiana

entre duas ou mais pessoas. Pois é: aí esta talvez a característica mais importante do texto de televisão...”. Observando assim, essa proximidade e distanciamento que os tempos verbais podem agregar aos textos. Isso pode ser visto claramente nos fragmentos do dia 18 de Agosto.

SBT Brasil: “E o ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares, volta a depor no congresso nacional e irrita parlamentares da CPI do mensalão. Mais uma vez ele não respondeu as perguntas e repetiu a mesma versão dos empréstimos”.

Jornal Nacional: “O ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares foi ouvido na CPI do mensalão. Ele negou que tenha autorizado o envio de dinheiro para o exterior. E mais uma vez não apresentou respostas claras para muitas perguntas e irritou parlamentares”.

Como vemos é usado o mesmo verbo e verbos com significados semelhantes, só em tempos verbais distintos.

Tempo Verbal	SBT Brasil	Jornal Nacional	Tempo Verbal
Presente do indicativo +	volta (a depor)	foi ouvido	Pretérito Perfeito + Pretérito Perfeito Composto
Presente do Indicativo	irrita	irritou	Pretérito Perfeito

Assim, lendo o fragmento do 1º telejornal a situação dos parlamentares que ouviram o depoimento de Delúbio Soarez, parece ainda de irritação, nos sentimos próximos do evento. Já, lendo o fragmento, referente no Jornal Nacional os parlamentares se irritaram e pronto: o fato esta terminado, não existe um elo entre o telespectador e quem conta a história, no caso o apresentador, ou ainda, a própria “história”.

Responde as perguntas Clássicas do Lead

Segundo Nilson Lage, *Linguagem Jornalística*, Ed. Àtica, São Paulo, 2003, pagina 65. “a função da *cabeça* é anunciar o *lead* ...”.E complementando essa idéia Vera Iriz Paternostro (1999), afirma

“... o texto precisa basicamente identificar os elementos fundamentais da notícia. Aliás, uma prioridade de qualquer texto jornalístico – independentemente de estilo, forma ou veículo. Mas, na TV, é com palavras precisas, bem escolhidas, que o texto deve responder às seis perguntas clássicas – os elementos fundamentais de toda notícia: Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê?”

Nós identificamos em alguns fragmentos falta de alguns elementos do Lead. Um destes fragmentos é do dia 19 de Agosto. Vejamos:

SBT Brasil: O depoimento do advogado Rogério Buratti envolvendo o Ministro Antônio Palocci em denúncias de corrupção caiu como uma bomba no mercado financeiro. O dólar teve a maior alta diária desde maio de 2004 e a bolsa fechou em baixa.

Quem	O depoimento do advogado Rogério Buratti envolvendo o Ministro Antônio Palocci em denúncias de corrupção
O quê	caiu
Quando	(hoje)
Onde	no mercado financeiro
Como	como uma bomba
Por quê	

Jornal Nacional: As denúncias levaram muito nervosismo ao mercado financeiro.

Quem	As denúncias
O quê	levaram muito nervosismo
Quando	(hoje)
Onde	ao mercado financeiro
Como	
Por quê	

Tanto o texto do SBT Brasil, quanto o texto do Jornal Nacional deixaram de responder a três perguntas do Lead. Para quem assistiu tanto um, quanto o outro telejornal sabe do que esta notícia esta falando. Mas refletamos se fosse assim nada precisaria ser anunciado por ninguém, era só ir colocando os fatos de uma forma ordenada, numa seqüência cronológica, contando ao telespectador os fatos do dia. Se o apresentador (âncora), está ali pra anunciar o Lead, ele dever ser feito. Não podemos afirmar que toda

e qualquer pessoa assistiu todo o jornal, ou que ainda saiba da situação do país naquele dia.

Esta problemática não ocorreu em só uma vez deste pequeno conjunto de fragmentos de três dias. Ela apareceu em todos os dias analisados, em alguns com falha apenas de uma pergunta do Lead. Outras, como é o caso destes fragmentos acima, de três.

Outro exemplo ocorreu no dia 17 de Agosto.

SBT Brasil: “O PT fez hoje um pedido formal de desculpas a nação. Em nota assinada pelo Deputado Ricardo Berzoini a direção nacional reconhece ter se envolvido em uma série de denúncias que comprometem moral e politicamente o partido...”

Quem	O PT
O quê	Pedido formal de desculpas
Quando	hoje
Onde	
Como	Em nota assinada pelo dep. Ricardo Berzoini
Por quê	

Jornal Nacional: “E o PT pediu hoje desculpas a nação e prometeu defender o mandato do presidente Lula”

Quem	O PT
O quê	Pediu desculpas a nação e prometeu defender o mandato do presidente Lula
Quando	hoje
Onde	
Como	
Por quê	

Identificamos assim, de forma prévia, a intenção dos apresentadores dos telejornais (enquanto âncoras) de dar sua opinião, assim talvez, manipulando a informação que é passada para o telespectador, influenciando o entendimento ou compreensão da notícia pelo mesmo. A partir desta constatação temos como objetivo ressaltar a responsabilidade desses telejornais para com sociedade e alertar o público receptor para

que este tenha um olhar crítico sobre estes, que devem oferecer, de forma educativa e integrativa, informação de qualidade.

Refletindo sobre estes poucos aspectos, logo enxergamos a falta de profundidade (conteúdo) e participação do público no processo da informação. Vemos assim, retirado da sociedade o direito de acesso a informações com qualidade, que representem ainda, todas as fontes e pontos de vistas de uma “notícia”. Hoje dentro de um mundo globalizado, se faz importante que as TVs trabalhem no que se chama de jornalismo social público e de responsabilidade, frente as necessidades e anseios de todos os cidadãos brasileiros, independente da sua classe social.

Referências Bibliográficas

Alcure, Lenira. Comunicação verbal e não-verbal, Ed. Senac Nacional, Rio de Janeiro, 1996.

Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1993.

Farina, Modesto. Psicodinâmica das Cores em Comunicação, Ed. Edgard Blücher Ltda., São Paulo, 1986, 4ª edição.

Lage Nilson, Linguagem Jornalística, Ed. Àtica, São Paulo, 2003.

Moretzsohn, Sylvia. A notícia como *clinamen*: o jornalismo na perspectiva de um novo senso comum. Porto Alegre, UFRGS, 2003.

Paternostro, Vera Iriz. O Texto na TV, manual de telejornalismo, Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1999.

Resende, Guilherme Jorge de. Telejornalismo no Brasil – Um Perfil Editorial, Ed. Summus, São Paulo, 2000.

Squirra, Sebastião. Boris Casoy.:o âncora no telejornalismo brasileiro.Ed.Brasiliense, São Paulo, 1993.

Vianna, Ruth. La palabra, la imagen y el sonido. Estudio de los informativos televisivos de Brasil y España. Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2000

Weil, Piere; Tompakow, Roland. O Corpo Fala, Ed. Vozes Ltda., Petrópolis, 1983.